

**O PORTO MODERNO: QUADROS E RITMOS URBANOS NA/DA BAIXA DA
CIDADE NO FIM DO SÉCULO XIX-INÍCIO DO SÉCULO XX**

Cláudia Rodrigues

FEUP-CES

«Motivados por simples antipatias pessoais ou por bizantinas divergências literárias, mesmo políticas, explodiram, amiúde, naquele singular recinto público, ágora de gente faladora, violentas disputas, calorosas controvérsias de ideias, incisivos duelos de palavras, mais contundentes do que cutiladas».

Cláudio D'Oliveira Guimarães¹.

Resumo

A Cidade do Porto é, no fim do século XIX, início séc. XX, campo urbano da consubstanciação da sociedade burguesa, apresentando-se, nomeadamente no palco da sua nova 'Baixa', como cidade de grande vigor político, público, cultural, comercial, económico, urbano. A ambiência do espaço urbano da Baixa é, nesse tempo, marcada por uma constelação de desenvolvimentos em vários planos urbanos, navega-se aqui no plano do espaço urbano do Porto com contornos públicos, em particular na sua Baixa. Passeia-se fugazmente, numa primeira parte, pelo espaço da cultura, da boémia, do passeio, do encontro e do recreio na Baixa do Porto, entrando-se, numa segunda parte, no seu espaço público e na sua expressão festiva, resistente e resiliente. Contempla-se a cidade como uma caixa de ritmos que contam e cantam a sua actualidade e o seu passado, propondo-se aqui contribuir para a exploração da história de vida da cidade, em jeito de *anamnese* do espaço urbano na Baixa do Porto. Que ritmos quotidianos e excepcionais do/no espaço urbano do Porto, marcam este momento de consolidação de uma Baixa moderna? Num momento da vida da cidade de excepcional manifestação popular e resistência? Numa Baixa onde o entretenimento é enfatizado, institucionalizando-se na designada 'cidade do trabalho'², o café, o teatro, o cinema, o salão, o passeio, o jardim? De quem é, como é produzido, e onde pára o espaço urbano desta Baixa? Eis as questões que motivam e norteiam esta passeata ao espaço público e/ou lúdico na/da Baixa de um Porto 'moderno'.

¹ D'OLIVEIRA GUIMARÃES, Cláudio. "Evocando dois «cafés» portuenses". **O Tripeiro**. Porto, 1952, série V, ano VIII, p. 206.

² Atributo que faz parte da Imagem da cidade, muito alicerçado na cidade industrial com uma componente operária forte e expressiva. O Porto é nesta altura, *a Manchester portuguesa*.

Abstract

At the end of the 19th century and 20th century beginning, Porto is a city where the bourgeoisie society is consubstantiated, being presented - namely in the new downtown Porto stage - as a political, cultural, commercial, economic and urban vigour city. The urban space downtown ambience is, in those time, is marked by a urban development constellation in a sort of urban plans, being the Porto urban space with public elements the focus in the essay. First, we travel speedily by culture, bohemia, gatherings, leisure, and walkings on Downtown Porto. In a second essay part, we enter in public space in His festive, resistant and resilient expression. The city is contemplated therefore as a rhythm box telling and singing present and the past; here the aim is to contribute to the city life-story exploration, in a kind of *anamnesis* of the Downtown Porto urban space. What daily and exceptional Porto urban space rhythms paces these modern downtown affirmation moment? In a city moment where there's an exceptional, cyclical, and unexpected popular protest and resistance? In a downtown of the designated work city³, where, the café, the theatre, the cinema, the club, the garden, the dance and cine hall, the walking? The downtown urban space if for and from whom, how it's is produced and where it stops? Here the motivation and orientation questions in this journey to downtown public and/or ludic space in a modern Porto.

Prelúdio

A Baixa do Porto, é aqui encarada enquanto unidade de lugar transaccional, ou seja, unidade onde personagens, contextos e tempos se relacionam entre si não por interação mas por *transacção*⁴. O ênfase e a busca pelos ritmos urbanos é transversal a este ensaio e inspira-se na *ritmanálise*, uma visão sobre o mundo e metodologia para o seu entendimento, introduzida pelo filósofo, e também republicano, Lúcio Pinheiro dos

³ Characteristic part of the city image, strongly supported by the industrial city with a strong labour/work symbolism and expression. Porto is, in this epoch, known as the e *Portuguese Manchester*.

⁴ Transacção traduz a indissociação entre personagens, espaços, contextos e tempos, no sentido atribuído por ALTMAN, Irwin & ROGOFF, Barbara. World views in psychology: Trait, interactionism, organismic, and transactionalist approaches. In Daniel Stokols & Irwin Altman (Eds.), **The handbook of environmental psychology**. New York, Wiley & Sons, Vol. 1, 1987, pp.5-40.

Santos⁵ e cuja recriação para a questão urbana de Henri Lefebvre (2008)⁶ se adota aqui, no intento de, em síntese, aceder à organização social a partir da apreensão e exploração dos ritmos urbanos quotidianos e/ou imprevistos, rotineiros e/ou inovadores... Esta jornada no o espaço público e/ou lúdico na/da Baixa de um Porto ‘moderno’ que se tenta documentar com este ensaio, na demanda essencial de compreender a organização social tomando também como inspiração também a proposta de Henri Lefebvre (1991)⁷, na abordagem dialéctica à cidade, de exploração de momentos de resistência à hegemonia capitalista - realçando as latências, insipiências, iminências, heterotopias e resiliências urbanas e sociais⁸.

A BAIXA PORTUENSE MODERNA: APRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO PÚBLICO, CULTURAL E BOÉMIO E LÚDICO

A Baixa do Porto é património comum, material e simbólico, ela faz parte da representação ‘orgulhosa’ da cidade, é lá que estão localizados, na arquitectura, na edificação urbana, os *postais* da cidade, os ícones, os emblemas e marcas do Porto. Encontram-se na Baixa marcos da/na paisagem urbana, que evocam também a história da cidade, colocando, desde logo, a Baixa num lugar de destaque, por exemplo, na construção de uma memória e identidades urbanas. Não é difícil, numa jornada pela Baixa actual do Porto, ser-se transportado para momentos da sua história, havendo uma vibração histórica imprimida nos ritmos actuais através, por exemplo, das evocações e celebrações alusivas a

⁵ Cf. SOBRAL DA CUNHA, Rodrigo. **Filosofia do Ritmo Portuguesa**. Sintra: Zéfiro, 2010. BAPTISTA, Pedro. **O Filósofo fantasma. Lúcio Pinheiro dos Santos**. Sintra: Zéfiro, 2010.

⁶ LEFEBVRE, Henri. **Rhythmanalysis: Space, Time and Everyday Life**. London, Continuum, 2008.

⁷ _____. **The Production of Space**. London, Blackwell Publishers, 1991.

⁸ Para além desta inspiração lefebvrina, na conceptualização de resiliência e insipiência urbana aqui aventada, toma-se também como inspiração os conceitos de emergência e ausência e cosmopolitismo alternativo: SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do tempo: para uma nova cultura política**. Porto, Afrontamento, 2006; _____. «Para Além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia dos saberes» In Boaventura Sousa Santos e Maria Paula Meneses [orgs.]. **Epistemologias do Sul**. Coimbra, Almedina, pp. 23-72, 2009, introduzindo-se uma heterotopia cosmopolita: RODRIGUES, Cláudia. **Night at the City, City at Night: Cosmopolitan and Colonization Rhythms in the Neo-Bohemian inner Porto**. Cities Are Us Conference proceedings, July, 2012.

personagens, lugares, e eventos emblemáticos da cidade⁹, do edificado e forma urbanas, da estatuária, da toponímia...

Estamos na Baixa do Porto, no momento em que a iluminação pública eléctrica se concretiza, a rede de água e saneamento fica disponível ao domicílio (1887), o eléctrico circula ... Uma Baixa moderna que vê chegar à Estação de S. Bento o comboio (1896-1916), em pleno eixo do seu desenvolvimento (Ver Figura #1), contígua à Praça Nova que pode ser considerada o primeiro *porto* desta nova Baixa.

Verifica-se ou inicia-se nesta altura no Porto, uma orientação da cidade para o seu enobrecimento e expansão, cristalizada na formação de uma zona nobre e centralizadora - que projecta da zona ribeirinha para uma cota mais alta a centralidade urbana - a (Nova) Baixa. O desenvolvimento desta Baixa é também marcado topograficamente pelas colinas da Batalha e Carlos Alberto (Ver Figura #1) que se encontram e separam na depressão ocupada pela iminente Avenida dos Aliados (aberta a 1916), estando aí situadas neste terreno e neste momento da história de vida da cidade, metade das unidades funcionais da cidade (SALGUEIRO, 1992, 1994)¹⁰. Estamos numa Baixa, onde se inclui o Centro Histórico do Porto¹¹, que esconde, e também coabita com uma produção urbana de desigualdade social, podendo, por exemplo, o centro medieval ser considerado um expressivo espaço-tempo da produção da Cidade Desigual no Porto (RODRIGUES, 2006)¹²: o lado b, menos solar do uso residencial, espelho de uma polarização social, um bom analisador das condições de vida urbana, nomeadamente dos operários que a indústria

⁹ Uma referência se impõe sobre a mobilização urbana e a estimulação celebrativa em torno do centenário da implantação da República em Portugal, 2010 – várias iniciativas abertas, nacionais, públicas promovidas pela Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República (CNCCR) que envolvem o país, a cidade e a Baixa do Porto e que naturalmente conduziu a uma evocação da revolta de 31 de Janeiro de 1891 no Porto. Estes momentos de vida da cidade, actualmente evocados e por vezes reconstituídos, ajudam ao simbolismo de resistência da cidade e do seu espaço público. Destaque-se ainda uma celebração mais localizada, em 2009, que indicia bem a importância dos cafés na cidade e associada ao imaginário, ambiência de boémia que aqui se apresenta: as celebrações dos 100 anos do Café Piolho.

¹⁰ SALGUEIRO, Teresa. **A cidade em Portugal. Uma geografia urbana**. Porto, Edições Afrontamento, 1992; SALGUEIRO, Teresa. O Comércio e a Cidade: Lisboa e Porto. **Finisterra**, XXIX, 57: 177-183, 1994.

¹¹ Classificado pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade em 1996.

¹² RODRIGUES, Cláudia. **O Porto Desigual e a Transacção entre Personagens e Lugares: O Centro Histórico, a Ilha e o Bairro Social**. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Educação Ambientais). Lisboa, ISPA, 2002.

atraiu. O foco deste ensaio é, como já foi referido, o lado mais solar e mais ‘visível’ do espaço urbano e público, porém, esta é apenas uma das muitas camadas urbanas no estudo dos ritmos modernos da cidade do Porto. A Baixa constrói a relação com a cidade alicerçando-se em movimentos constantes entre o simbólico e material, entre o trabalho e o lazer, entre o público e o privado, entre o enobrecimento e a desigualdade, movimentos esses que se expressam em ritmos urbanos; marcam, sincronizam ritmos urbanos.

Pode considerar-se que a constituição e formação desta Baixa se inicia no século XIX, mas é no século XVIII, com os caminhos abertos pelos planos urbanísticos, em sintonia também com os princípios liberais da época, que se forma o terreno favorável e sustentador deste desenvolvimento urbano¹³.

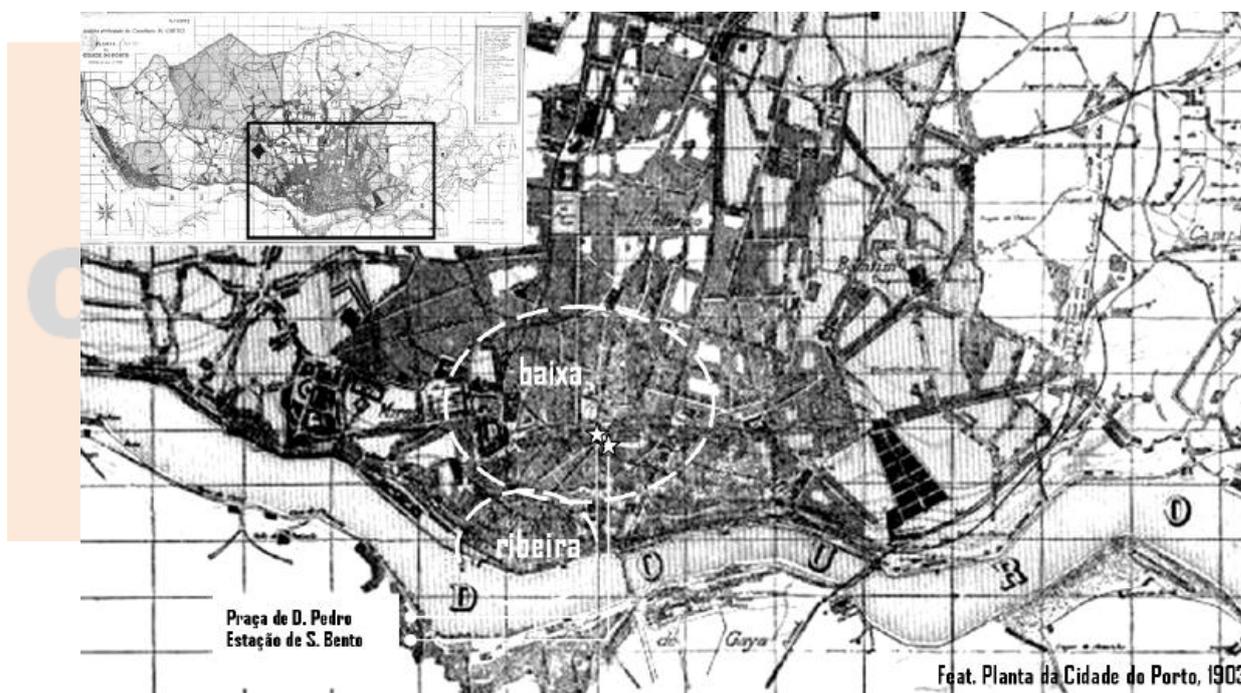


Figura #1 A Nova Baixa

Estamos na Baixa de um Porto onde os legados do Romantismo e Liberalismo que mobilizam a cidade na primeira metade do século XIX são notórios. A Baixa do Porto

¹³ Para uma abordagem aprofundada ao desenvolvimento urbano do Porto nos séculos XVIII e XIX, Cf. NONNEL, Annie Günther. **Porto 1763/1852 - a construção da cidade entre despotismo e liberalismo**. Porto, FAUP, 2002; FERRÃO, Bernardo José. **Projecto e Transformação Urbana do Porto na Época dos Almadas, 1785/1813**. Porto, FAUP, 1997.

burguês e moderno desenvolve-se e consolida-se ao longo do século XIX enquanto epicentro de todos os poderes e contra-poderes, de toda a organização e dinâmica social, cultural, económica, política, urbana e boémia da cidade. Estamos na Baixa do Porto, num momento da sua história de vida em que os jardins, os passeios arborizados são valorizados enquanto elementos urbanos significantes e edificantes da vida da cidade, contribuindo para o ênfase na dimensão lúdica, cultural e recreativa que satisfaz também os valores da burguesia¹⁴.

A subida e expansão da Baixa do centro medieval para um centro moderno acontece também no sentido da criação de espaços de lazer, de espaços de passeio arborizados. O Passeio das Fontainhas e o Passeio das Virtudes, as duas alamedas arborizadas marcam simbólica e materialmente este desenvolvimento da cidade no sentido de uma cota alta que não obstante mantém a linha do rio Douro como elemento (paisagístico) de referência¹⁵. Estamos na Baixa do Porto, e se espreitarmos rapidamente, para os resilientes mercados e feiras¹⁶, para os jardins e passeios, compreendemos e confirmamos, desde logo, o seu contributo para a configuração de mais um quadro urbano da Baixa do Porto, delator, por sua vez, de um uso cruzado e descontínuo do popular, do burguês, do comercial, do recreativo...

A paisagem urbana está povoada de espaços, equipamentos e edifícios públicos, privados¹⁷ ou semi-públicos dedicados ao entretenimento e cultura, que se erigem por vezes como lugares de germinação do protesto e participação. Numa encruzilhada entre o

¹⁴ Cf. OLIVEIRA RAMOS, António. **História do Porto**. Porto, Porto Editora, 1994.

¹⁵ Cf. NONNEL, ibidem

¹⁶ Os mercados e feiras, que nos séculos XIV e XV colonizam a cidade com a actividade mercantil, são neste momento da história de vida da cidade, progressivamente afastadas para a periferia da cidade, e para a província, sendo, por exemplo, os mercados e feiras em conexão com jardins muitas vezes por estes absorvidos, criando e ampliando os espaços de lazer e passeio em cumplicidade com o espírito liberal. Porém, os mercados e as feiras sempre foram fortes nos atributos de resiliência, eles permanecerem, ainda hoje, na imagética e nas intenções recreativas, actualmente neo-liberais da cidade e da Baixa. Cf. RIO FERNANDES, José Alberto. **Porto – Cidade e Comércio**. Porto, Câmara Municipal do Porto; 1997; NONNEL, ibidem.

¹⁷ Releve-se neste panorama urbano o Palácio de Cristal, (1865) equipamento privado de uso também público, aberto e polivalente, lugar que acolhe a Festa das Flores, o passeio, o encontro, o jantar de estado...

lazer, o recreio, a cultura, a boémia, o popular, a burguesia e o povo¹⁸, indicia-se os ritmos urbanos e inerentemente a organização social daquele momento da vida da cidade, engajam-se, desenhando e compondo um quadro urbano ilustra a cidade do Porto no período abordado. Existem então espaços-tempos de expressão e exibição burguesa, que ilustram e servem a orientação para o enobrecimento, que se interpenetram em maior ou menor grau de entrosamento, com espaços-tempos de expressão popular, em diversos graus de fusão, abertura, hermetismo, distanciamento, ou polarização. Numa densa e dinâmica constelação de elementos do mobiliário cultural, recreativo e lúdico, que se apresentam em distintos níveis de abertura e permissão, material e/ou simbólica, a frequentadores, nomeadamente no que concerne ao género e à classe, configuram-se os ritmos da cidade. Estamos então na Baixa do Porto, numa constelação cultural e boémia, desenhada por uma dinâmica entre apropriações populares e apropriações elitistas do espaço urbano.

O Porto dispõe nesta altura, de um mobiliário urbano de boémia e de cultura composto pelos cafés, teatros, ‘cine-jardins’, ‘salões’, associações, agremiações, tabernas, casas de pasto, botequins, cinemas, livrarias, ‘clubs’, etc¹⁹. O facto de nesta altura se ter ‘feito luz’ na noite da cidade através da electrificação pública pode também ser associado com a vida boémia e cultural da cidade ao ser cúmplice da circulação nocturna na Baixa, nas deslocações ao teatro, ao café, à taberna, ao botequim, ao clube, à associação, o salão...

É neste espaço-tempo da cidade que aqui se situa a consubstanciação da Boémia, enquanto mito urbano²⁰, uma representação construída no campo da relação dialéctica entre burguesia e boémia - não obstante a aparente e originalmente antagónicas, boémia e burguesia auto-alimentam-se. O livro de Henri Murger *Scènes de la vie de bohème* (1851) é um ex-líbris, assumidamente ‘introdutor’ da boémia como representação moderna,

¹⁸ O Povo, que, segundo Eduardo Lourenço, aparece no contexto da Revolução Francesa, num registo paradoxo tanto como realidade como mito político, “Na ordem simbólica e cultural esse mito é, ao mesmo tempo, pai e filho do romantismo”. LOURENÇO, Eduardo. “Quem diz povo?” In José Manuel dos Santos (Coord.), **O que é o povo**. Lisboa, Fundação EDP, 2010, p. 41.

¹⁹ Cf. MALHEIRO DA SILVA, Armando; SARAIVA, Arnaldo: & TAVARES, Pedro (coord.) **Porto. Roteiros Republicanos**. Matosinhos: QuidNovi, 2010; TEIXEIRA LOPES, João. “Do Porto romântico à cidade dos centros comerciais. Breve viagem pelo tempo”. **Revista da Faculdade de Letras: Sociologia**, I, Vol. 9, 1999, pp. 27- 61.

²⁰ Cf. WILSON, Elizabeth. **Bohemians: The glamorous outcasts**. New York, I.B. Tauris, 2000.

referido também por Camilo Castelo Branco, no seu livro *A Bohemia do Espírito* que introduz na sua expressão característica:

“Meditando no vagamundear da imprevidente caravana dos bohemios de Murger, pareceu-me ver na diversidade de assumptos d’este livro alguma coisa do desalinho e extravagancia da peregrinação d’esses lendários engenhos, tão escoteiros de bagagem como de sciencia. A comparação, porém, cessa desde que elles regressaram da bohemia e entraram na zona regular e methodica da gloria para muitos e da riqueza para alguns. Ora, o meu espírito esse fica sempre na bohemia, a desvairar no seu livro; mas satisfeito como Diogenes na cuba, e relapso a todos os methods, refractario a leis de symetria esthetica e á minha presunção de ensinar. Creio que ainda não expliquei nada” (CASTELLO BRANCO, 1886)²¹.

A origem da boémia como mito da modernidade, como representação, como construção mediatizada, é unanimemente atribuída à segunda metade do século XIX²², e resulta de processos de distanciamento tanto relativamente a uma burguesia instalada, como relativamente a uma boémia popular ancestral e também resistente ... A boémia moderna distancia-se, através das ‘artes e letras’, da boémia popular e da burguesia, não deixando porém de por elas ser acompanhada. A boémia, assim como a cultura douta, traduz outrossim, através das artes plásticas e da literatura, a ascensão da burguesia, orientação essa que se inicia com o movimento romântico. Absorvendo e imobilizando aliás, muitas vezes, a boémia e culturas populares, esta nova boémia não escapa porém à resiliência popular... Numa outra perspectivação, boémia popular, boémia douta, cultura encontram-se com, e no, espaço público, na deriva, na *flanerie*, na deambulação, no protesto, na ‘conspiração’. Os boémios deambulam pelos lugares de urbanidade, de festa e de protesto, *Les Bohemes savent tout, et vont partout...*(MURGUER, 1851)²³.

Estamos na Baixa do Porto, onde os salões, ciné-jardins desenham e expressam, neste momento da sua urbanidade, o relevo e a prática do cinema na cidade, que parece outrossim estender ao cinema a vanguarda relativa à fotografia. Cinema e fotografia em íntima relação, por sua vez, com um crescente fascínio pela ‘captação’ e ‘fixação’ da vida urbana. Nestes campos artísticos destaca-se a obra de Aurélio Paz dos Reis, um ‘caçador

²¹ CASTELLO BRANCO, Camillo. **Bohemia do Espírito**. Porto. Livraria Civilização, 1886.

²² Cf. WILSON, ibidem; GLUCK, Mary. **Popular Bohemia: Modernism and Urban Culture in Nineteenth-Century Paris**. Massachusetts, Harvad University Press, 2005; SIEGEL, Jerrold. **Bohemian Paris: Culture, Politics, and the Boundaries of Bourgeois Life, 1830-1930**. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1999.

²³ MURGER, Henri. **Scenes de la vie Bohème**. Paris: Gallimard, 1851.

de imagens’, dizem, o primeiro, que cresceu ao cinema, com os seus ‘quadros’ cinematográficos, pioneiro na projecção, exibição e realização de ‘quadros’ no país²⁴, o seu já desusado pioneirismo e interesse na fotografia bem manifesto nos seus ‘clichés’ fotográficos amplamente difundidos.

Os cafés, começam a povoar a cidade do Porto sobretudo na segunda metade do século XIX e estão, no início do século XX, amplamente instalados na cidade afirmando-se física e simbolicamente. O café apresenta-se em diferentes semblantes traçados a partir de diversas combinações e expressões do popular, do erudito, do lúdico, do artístico, do boémio e do participativo²⁵.

Muitas vezes designação e evolução moderna de botequins, o café é sede inquestionável da boémia, da participação, do encontro, da contestação. No café cruza-se e difunde-se a opinião pública, as artes e letras, estando esta relação entre o café e a divulgação das ideias dos seus frequentadores ilustrada, por exemplo, pela saída, em 1879, da “gazeta do realismo (órgão da ultima bohemia)”, um jornal redigido no Porto, no Café Lisbonense, por poetas, escritores, jornalistas²⁶. No café difunde-se e discute-se os conteúdos da vida urbana nomeadamente os veiculados pelos jornais que lá também se

²⁴ Em Junho de 1896, exhibe-se cinema pela primeira vez no país, em Lisboa, um mês depois o mesmo espectáculo é apresentado no Porto, no Teatro do Príncipe Real (redenominado de Teatro de Sá da Bandeira após a implantação da República). Neste mesmo ano, ano seguinte à apresentação do Cinematógrafo Lumière em Paris, o pioneiro Aurélio Paz do Reis apresenta no Porto, também no Teatro do Príncipe Real, o Kinetographo Portuguez. É então no Porto que, pela iniciativa de Aurélio Paz do Reis se rodam e projectam os primeiros filmes portugueses. O clássico quadro *A saída do pessoal operário da fábrica Confiança*, de Aurélio Paz dos Reis e Francisco de Magalhães Bastos Júnior, é um dos primeiros filmes português realizado e exibido em 1896. Cf. FELIX RIBEIRO, Manuel. “O Porto, Berço do Cinema Português. A estreia em Portugal do Cinematógrafo conquista um portuense”. **O Tripeiro**. Porto, ano VII, VI Série, Nº7, p. 208-210, 1967; ALVES COSTA, Henrique. **Breve História do Cinema Português (1896-1962)**. Amadora, Instituto de Cultura Portuguesa, 1978.

²⁵ Refira-se alguns exemplos: Café (Botequim) Guichard, séc XIX; Café (Botequim) Aguiã d’Ouro, 1852; Café Suíço, última década séc. XIX; Café (Botequim, 1889) Âncora Douro, 1909; Café (Botequim) Camacho, 1870; Café Central, 1897 – ex-libris da ‘conspiração republicana’; Café A Brasileira, 1903; Café Lisbonense; Café da Comuna, 1857; Café Progresso, 1899. Cf. MARÇAL, Horácio. “Os Antigos botequins do Porto”, **O Tripeiro**. Porto, ano IV, Nº 3, p. 69-75, 1964a.; MARÇAL, Horácio. “Ainda nos Antigos botequins do Porto”, **O Tripeiro**. Porto, ano IV, Nº 6, p. 181-186, 1964b; D’OLIVEIRA GUIMARÃES, ibidem; D’OLIVEIRA GUIMARÃES, Claudio. “Breve História de um «café» cidadão”. **O Tripeiro**. Porto, ano VIII, p. 365-367, 1952-53.

²⁶ MARÇAL, Horácio. “Bibliografia portuense: Memória de uma gazeta portuense”, **O Tripeiro**. Porto, ano VIII, Nº1, p. 19-20, 1952.

lêm, o que indicia também a vinculação e cumplicidades que se estabelecem na época entre o café, o protesto e a imprensa.

Resplandecendo na paisagem urbana e cultural da cidade do Porto, em particular na sua Baixa, o café desempenha, nesta época, um papel social e urbano hoje recorrentemente reforçado e recriado com maior ou maior nostalgia, com maior ou menor fantasia. No Porto parece que os cafés se enlaçam particularmente com a cidade embebendo-se na formação de uma identidade urbana - a identidade dos cafés do Porto (con)funde-se com a identidade da cidade. Apropriados e territorializados localmente, os cafés edificam uma identidade urbana, o que está aliás bem ilustrado no desafio que Almeida Garrett lança: “Levem-me de olhos tapados onde quiserem, não me desvendem senão no café, e protesto-lhes que em menos de dez minutos lhes digo a terra em que estou, se for país sublunar”²⁷.

Estamos então no café, um dos espaços-tempo do panorama da cidade em que se podem observar ligações mais ou menos directas, sincrónicas ou entusiastas à participação urbana e popular, ao protesto, à resistência e à festa.

Na Baixa Moderna da ‘cidade do trabalho’, tal como em muitas cidades europeias, a ascensão moderna do lazer, da boémia, do passeio, da cultura, das artes e das letras, do lúdico e recreativo cristaliza-se então lugares urbanos detentores de insipiências e potencialidades que se intenta aqui enfatizar, e que se aprofunda mais adiante em forma de trechos urbanos.

A BAIXA PORTUENSE MODERNA: O ESPAÇO PÚBLICO

Desta breve caracterização da ambiência urbana da Baixa do Porto e dos lugares quotidianos de cultura, passeio e boémia, caminha-se agora no trilho do espaço público, lugar do público e do popular, passeia-se na *rua do povo* em compassos cíclicos e/ou imprevistos, num exercício que pode ser considerado de tributo ao espaço público, aqui abordado enquanto espaço aberto e acessível da cidade. Ele engloba as ruas, praças, travessas, largos, jardins, e está em *transacção* com o que se designa de *urbanauta* (Rodrigues, 2012)²⁸, a personagem revolucionária nesse desenho, produtora e companheira

²⁷ Cit in D’OLIVEIRA GUIMARÃES, Claudio. Op.cit., p.365-367.

²⁸ RODRIGUES, ibidem.

da Cidade. Esta conceptualização da personagem urbana, o urbanauta, é fortemente apoiada na abordagem de Henri Lefebvre²⁹ e tem, juntamente com a abordagem de Santos cosmopolitismo insurgente como companheira a heterotopia cosmopolita rodrigues, 2012)³⁰.

Esta transacção e inerente indissociação entre espaço público e o urbanauta, que tem sido progressivamente regulamentada e esbatida, requer uma atenção nos aspectos locais da sua emergência, no esforço já referido de desvendar e elevar as iminências ou insipiências urbanas. O espaço público, assim entendido, (a)parece aliás descurado nas abordagens ao presente ou ao passado da cidade, por comparação por exemplo com o destaque dado aos espaços e práticas da cultura e da arte, de cariz mais *nobre*, erudito ou burguês, sincrónico com a ambiência (neo) liberal e que contribui assim para afastar e encapotar, quer simbólica, quer materialmente, o público, o popular, o povo³¹... E, se abordado, o espaço público, é usualmente condicionado ora por um a priori derrotista e paralisante que profetisa o fim do espaço público, ora por um a priori romântico, nostálgico e fantasioso. Contestar o espaço público, abordá-lo como lugar construído e produzido socialmente a partir da luta (Mitchell, 2003)³², resgatá-lo, fazer o público ‘vir a Público’, ao invés de insistir na retórica e lamúria estéril da inevitabilidade do recuo do espaço público, é a direcção que aqui se toma. Envereda-se aqui numa atenção nas deslocações e metamorfoses do espaço público, nos movimentos e momentos que o alteram, re-criam e re-situa, ou seja, que o questionam. Os lugares e momentos aqui tratados são solares, eles iluminam o espaço público, a cidade e o povo, e as suas transacções produtoras do urbano.

O espaço urbano da cidade do Porto é então aqui focado incidindo e iluminando o seu domínio mais público, mais popular, ou menos fragmentado, tomando como o ponto de

²⁹ LEFEBVRE, Henri. **Le droit à la ville** (suivi de) **Espace et politique**. Paris, Anthropos, 1972 ; LEFEBVRE, 1991, ibidem.

³⁰ RODRIGUES, ibidem.

³¹ “A significação de «povo» passa talvez, sobremaneira, pela intensificação e pela densificação da pertença trabalhada a uma comunidade de vida e de destino – trabalhada na diferença (não raro conflitual, e de luta) dos seus itinerários, trabalhada também na esperança e na realização prática de patamares enriquecidos de humanidade...”. BARATA-MOURA, José. “Que é isso do povo? Notas desgarradas para um respondimento difuso”. In José Manuel dos Santos (Coord.). **O que é o povo**. Lisboa, Fundação EDP, 2010, pp. 75-80.

³² MITCHELL, Don. **The Right to the City: Social Justice and the Fight for Public Space**. New York, Guilford Press, 2003.

focagem o uso quotidiano, extraordinário e cíclico que o urbanauta faz da cidade e como campo de visão a produção da cidade. Tomando estes contornos prévios, emergiram e fez-se emergir os trechos do uso público e popular do espaço urbano, trechos de resistência e de festa a abordar de seguida, tendo o dia-a-dia no/do espaço público, anteriormente apenas assomado, que ser projectado para um outro momento³³. Assim, os trechos que aqui se abordam são trechos que embora regulares à cidade, integrando o seu quotidiano e a sua história de vida, são também extraordinários, não são contínuos na vida urbana mas antes circulares ou inesperados. Evidenciam-se através da exposição destes trechos, as *temporadas* da cidade - mais previsíveis ou cíclicas (festas e romarias) ou menos previsíveis (protesto social) - compositoras do quadro urbano do Porto no fim do século XIX, início do século XX.

Um trecho urbano de Resistência e Participação no Espaço Público da Baixa Moderna Portuense

A cidade do Porto parece ter desde sempre servido de palco urbano de resistência, rebeldia e de luta documentando muitas vezes momentos solares de participação da/na cidade, aliás, parece que a luta e protesto é indissociável da vida da cidade e dos seus habitantes. O atributo de *Invicta* à cidade do Porto e, por inerência, aos seus habitantes, reportado originalmente ao movimento liberal³⁴, assim como o atributo de *Tripeiro* aos habitantes do Porto³⁵, são desde logo elucidativos da construção de um simbolismo de resistência da cidade do Porto. O protesto, a resistência – interrupções no dia-a-dia urbano – fazem também parte do quotidiano da cidade ao longo do século XIX no Porto, numa

³³ Este ensaio tem também como pretexto um amplo estudo visual sobre o Porto no início dos séculos XX e XXI no propósito de revelar as insipiências urbanas, desta feita através do acervo visual. A componente deste estudo referente à análise sistemática da imprensa ilustrada no início do século XX relaciona-se intimamente com estes trechos e é o campo de um exercício modesto de uma *grounded visual history* desenvolvido no artigo em construção “Clichés: A voyage to the early XX century in Porto trough the photography on Portuguese illustrated press”.

³⁴ Em 1820 revolução liberal começa no Porto com D. Pedro resistido a partir da cidade e iniciando assim uma jornada de luta que envolve uma guerra civil (1832-34), o Cerco do Porto (1932-1933), cerco das tropas miguelistas opositoras ao movimento liberal protagonizado por D. Pedro... A rainha D. Maria II atribuí, desusadamente, nesta altura o título de *Invicta* à cidade do Porto homenageando a resistência dos portuense.

³⁵ Reportando-se originalmente ao esforço popular que apoio e alimenta as tropas portuguesas que seguirão, no séc. XV, para Ceuta, na sua conquista...

cidade industrial, onde a classe operária é expressiva e se manifesta, ajudando e reforçando o desenho desta imagética de resistência cúmplice na formação de uma identidade, memória e participação urbanas, elementos primordiais do património imaterial da cidade³⁶.

O período contemplado neste ensaio, fim do século XIX, início do século XX, é um período de transição e agitação social e política em Portugal, momento de passagem da Monarquia Constitucional³⁷ para a República. A ambiência de protesto que se verifica no país é reforçada com uma sucessão de acontecimentos: o Ultimatum Britânico³⁸ e a crise a ele associado; a revolução republicana no Porto de 31 de Janeiro de 1891; a lei contra a imprensa e com o coevo e derradeiro golpe da ‘questão dos adiantamentos’ à coroa real, na chamada ditadura de João Franco³⁹, denunciadores da chamada “tiranía da engorda e da vista baixa” (GUERRA JUNQUEIRO, 1997)⁴⁰ que reinava em Portugal⁴¹.

Estamos num Porto de ambiência artística e literária protagonizada quer por personagens, quer pelos lugares ainda associados ao movimento romântico na cidade e ao ideal e movimento liberal nele engajados⁴², movimento marcante na cidade e na sua

³⁶ Esta emergência simbólica popular tão relevante para o despertar da resistência urbana e tantas vezes depreciada, naturalizada ou esquecida em detrimento, por exemplo do turismo, festivalização e da atractividade da cidade, correndo o risco do *adormecimento* e esquecimento da personagem urbana ‘quotidiana’ e ‘local’... Cf. Rodrigues, 2012, IBIDEM para uma reflexão sobre as orientações colonizadoras vs cosmopolitas que os ritmos da cidade revelam.

³⁷ A Monarquia Constitucional (a 1ª Constituição Portuguesa é de 1822), decorrente da revolução liberal, rege o país de 1820 a 1910, data da implantação da República em Portugal.

³⁸ Ultimato britânico ao Governo português a Janeiro de 1890 que se traduziu na concessão de Portugal do território situado entre Moçambique e Angola, território reclamado e atribuído anteriormente a Portugal no famoso mapa cor-de-rosa.

³⁹ A questão dos adiantamentos à coroa real denunciados pelo Presidente do Conselho João Franco antecede e ilustra o período de ditadura, por ele protagonizada e bem expressa no controle da imprensa e que a lei de 1907 concretiza.

⁴⁰ Assim acutilantemente adjectiva Guerra Junqueiro este momento da Monarquia Constitucional num artigo publicado no Jornal “A Voz Pública” do Porto em 11 de Abril de 1907, Cit. in RÊGO, Manuela (coord.). **1907, No advento da República**. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2007, p. 45.

⁴¹ Cf. LOFT e SIZA, Resistência: da alternativa republicana contra a ditadura (1891-1974). Lisboa, Imprensa Nacional-Casa Moeda, Edição CNCCR, 2010; MALHEIRO, SARAIVA e TAVARES Ibidem; RÊGO, Manuela (coord.). **O ano de 1909**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2009.

⁴² Uma referência para a relação íntima do movimento romântico e do indissociável movimento liberal com as artes e letras onde se destacam Alexandre Herculano e Almeida Garrett que protagonizam e simbolizam o liberalismo na cidade e também no País...

imagem. Tal como no movimento liberal no início do século XIX, este movimento republicano tem no Porto o seu centro nevrálgico, a sua sede, o seu motor, que germina desta feita os ideais republicanos. A revolta de 31 de Janeiro de 1891 no Porto – timoneira da implantação da República em Portugal a 1910 – espelha bem a envolvimento da cidade na causa republicana, ela é um ensaio, uma falsa partida para a proclamação da república que acabaria por acontecer na cidade de Lisboa 19 anos depois, depois de um cenário continuado de conflito agravado em todo o país, depois de um regicídio (1908) ...

Basta atentar, mesmo que de forma diletante, na toponímia e estatuária da Baixa do Porto, grande parte evocadores de protagonistas e momentos do movimento republicano, para se ser invadido pela ambiência republicanas⁴³.

Estamos no Porto, no apogeu do movimento republicano, movimento de protesto contra a prestação da Monarquia Constitucional, movimento de envergadura nacional, mobilizador de campo e cidade, de interior e litoral, de várias classes sociais, de várias culturas num largo espectro que abarca maçons, operários, cultura popular, ‘alta’ e douta cultura...

Há um grande dinamismo político na cidade e no país, as agitações sociais, que têm como cenário o espaço urbano público, são documentadas e reportadas pela produção mediática em claro crescimento e proliferação na época e que tem na agitação social e política um exímio campo de prática e desenvolvimento. Muitos jornais do Porto acompanham o movimento republicano e muitos destes jornais e jornalistas são julgados e suspensos, vinculando ainda mais a imprensa ao movimento republicano e a crítica e protesto social⁴⁴. O papel da imprensa é amplificado no Porto e no país pelo movimento republicano, na contestação social, na divulgação de ideias, imagens e de eventos de resistência. Aliás, este entrosamento da cidade e da sua resistência com a imprensa era já privilegiada no Porto Romântico e no movimento liberal que o povoava e iluminava⁴⁵. Um

⁴³ A evocação e fixação dos momentos e protagonistas do movimento republicano: A Praça da República; a Rua de 31 de Janeiro; a Rua de Miguel Bombarda; Rua Cândido dos Reis...

⁴⁴ Para além da imprensa, também na propaganda e na publicidade os conteúdos visuais associados ao movimento republicano estão fortemente presentes, representando nomeadamente os seus protagonistas, cujas imagens servem de anúncio a chapéus, sabonetes, relógios, servem de fundo em cartazes, postais... (Cf. RÊGO, 2007; VENTURA, António. **Os Postais da Primeira República**. Lisboa: Edições tinta-da-China, 2010; MALHEIRO DA SILVA et al. *Ibidem*; LOFT e SIZA, *ibidem*).

⁴⁵ Cf. REIS, António do Carmo. “O Poder da Imprensa no Porto Romântico”. **Revista de História**, Vol. 9, 1989, p. 291-350.

pequeno salto agora no tempo para referir, ainda no contexto da relação da imprensa com movimentos sociais e culturais, a revista «A Águia» (Porto, 1910-1927) que está também na origem do movimento fortemente cultural da renascença portuguesa que se inicia em 1912: “Ao instaurar-se em 1910 o novo regime, não admira, portanto, que no Porto se gerasse um movimento aglutinador das aspirações já tão amplamente manifestadas pelos seus mais lúcidos e mais jovens intelectuais, no sentido de fornecer às novas instituições o sentido daquilo que hoje chamaríamos uma revolução cultural” (SÁ, 1997)⁴⁶.

A imprensa imiscuiu-se na ambiência urbana, social e política da cidade, incluindo e instituindo, por exemplo, por esta altura, o registo visual fotográfico na sua prática jornalística fixando a cidade e os seus momentos através de clichés, ‘captadores’ de momentos e também produtores de *mementos*. *Clichés*, assim se designam à época as fotografias na imprensa, apontamentos visuais na imprensa relevando-se hoje valiosos recursos para o estudo da organização social e cultural, urbana deste momento da história de vida na cidade. Mais uma vez, refira-se aqui o trabalho e escol fotográfico de Aurélio Paz dos Reis, activista do movimento republicano no Porto e participante activo da revolta de 31 de Janeiro do Porto (1891). A sátira, a caricatura, o humor é expressiva e contundente nesta altura, sendo também profícuo o terreno em que se inspira... O nome de Rafael Bordalo Pinheiro é incontornável neste panorama, tendo o autor, o criador da acutilante e eternizada caracterização do povo português na figura do ‘Zé Povinho’, também um papel singular e fértil na imprensa satírica...

Em síntese, a imprensa é também elemento e auxiliar do espaço público e do protesto, revelando e construindo também os ritmos urbanos no Porto. Este atributo profícuo da imprensa está também em transacção, como já foi referido, com o café: “A ‘revolução’ era o segredo mais conhecido em qualquer botequim, tasca, ou loja do Porto”, diz Nuno Castelo Branco (2010)⁴⁷ referindo-se à revolta de 31 de Janeiro de 1981 no

⁴⁶ SÁ, Vítor. **Esboço Histórico das Ciências Sociais em Portugal**. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1978, p.76. Cf. SANTOS SILVA, Augusto. “O Porto em busca da renascença (1880-1911)”. *Penélope*, 17:51-69, 1997.

⁴⁷ CASTELO BRANCO, Nuno. Porto 31 de Janeiro de 1891, ou o ensaio de uma constante portuguesa. In <http://www.centenariodarepublica.org/centenario/2010/01/28>, 2010.

Porto... Cada época histórica cria formas características de discursos expressivos e explicativos que refletem e constroem a realidade social desse período (STOUT, 1999)⁴⁸.

Neste período, o Porto e as suas ruas, praças e esplanadas acolhem concorridos comícios, manifestações, greves e toda uma panóplia de expressão política e participação pública. Diversas manifestações sociais e operárias têm como cenário o espaço público em vários lugares da Baixa, apresentando e representando a luta, a performance social e política. O protesto e a luta, apesar de se traduzirem em quebras, rupturas no quotidiano da cidade, parecem fazer parte da história de vida e produção da cidade.

O Ditador no Porto. Desafronta-se a cidade liberal. Ella corresponde mais uma vez ao que o paiz esperava. Viva a cidade do Porto! Viva a liberdade!.., são os títulos do jornal a “A voz Pública” a 18 de Junho 1907⁴⁹, referindo-se à visita do Presidente do Conselho João Franco ao Porto em 1907, um momento fulcral na edificação e expressão da resistência portuense. Esta visita é motivo e campo de um conflito que reúne em vários cenários da Baixa povo, estudantes, mulheres..., verificando-se também o confronto físico e intervenção policial sobre os manifestantes...⁵⁰. A visita do ditador-absolutista João Franco, assim como as visitas de D. Manuel II em 1908 ao norte do país, derradeiras operações de charme e propaganda da Monarquia Constitucional, ilustram bem o registo dialéctico do uso do espaço público que aqui se aventa: para além do cenário de contestação, o espaço público é cenário do poder instituído, religioso, régio, policial.

Os comícios no Porto, as diversas greves, os movimentos operários, os cortejos cívicos, as manifestações e festejos populares representam e apresentam a ambiência quer festa, luta e agitação social na cidade, num cenário ora de festa, ora de conflito marcando os ritmos urbanos... A classe operária está fortalecida no Porto: cria-se, em 1893, na cidade do trabalho o Instituto de Protecção às classes trabalhadoras; celebra-se no Porto, desde 1890, a festa do trabalho, *1º de Maio*; acolhem-se na cidade diversas greves e manifestações ... A greve dos empregados da companhia Carris de Ferro do Porto em 1909 por exemplo, que durou uma semana e transtornou o quotidiano da cidade, e cuja resolução passou por um acordo da Companhia com a Câmara Municipal do Porto, reforça este papel

⁴⁸ STOUT, Frederic. Visions of a New reality: The City and the Emergence of Modern Visual Culture. In Richard T. LeGates, & Frederic Stout (Eds.). **The City Reader**. London, Routledge, 1999, pp. 142-148.

⁴⁹ Cit in RÊGO, 2007, Op. Cit, p. 80.

⁵⁰ Cf. OS GRANDES Acontecimentos Políticos. **Ilustração Portuguesa**, Lisboa, Nº 71, 01 Julho, 1907.

da cidade operária no campo da resistência: *pelo carácter dos seus habitantes e pela força que o elemento operariado ali tem* (ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA, 1909, p. 160)⁵¹.



Figura#2

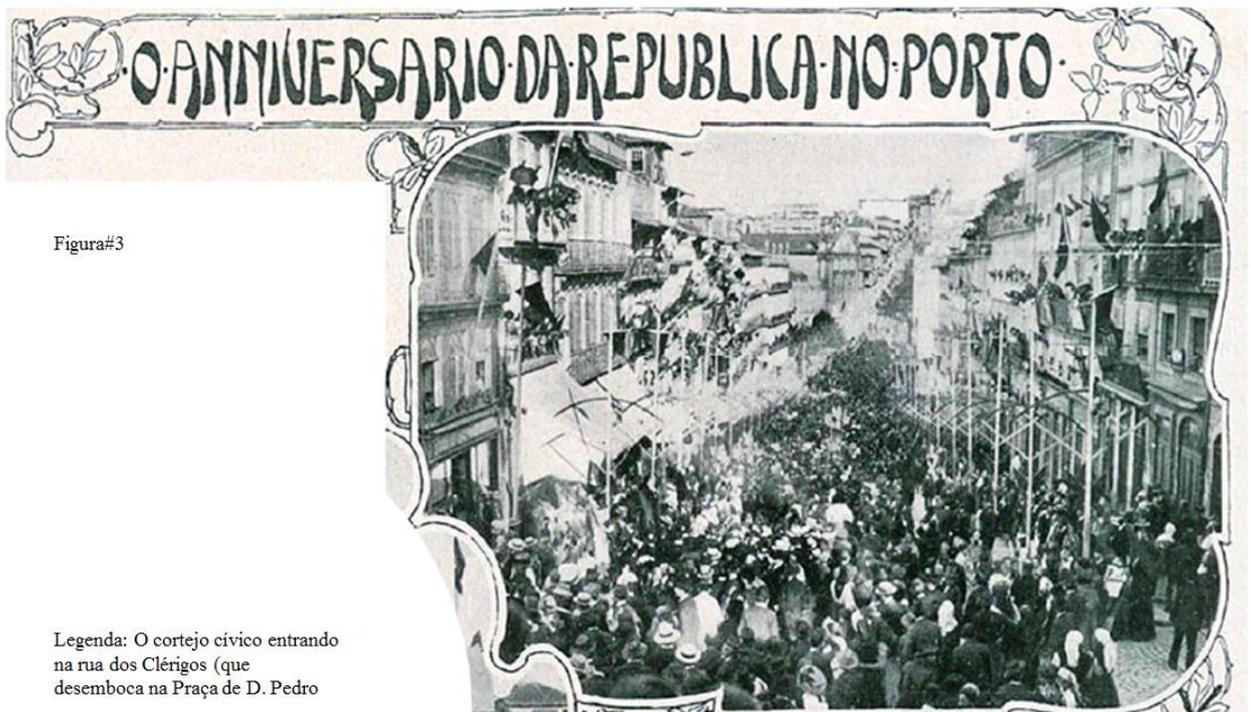
Fonte: ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA, 1909, p. 159

⁵¹ A GREVE no Porto. *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, 2 de Agosto, Nº180, 1909, p. 157-160.

Nos cenários urbanos da luta e protesto e da sua celebração, destaque-se a zona da Praça de D. Pedro, espaço urbano significativo nos planos da luta e do festejo. Nesta Praça se proclamou, na profetisa revolta de 31 de Janeiro, pela primeira vez a República em Portugal. Esta Praça é figura e fundo da cidade, palco das manifestações, porto dos cortejos e festejos cívicos, estando também lá localizados parte significativa dos cafés da cidade. “Aquela Praça é que foi a verdadeira Universidade, não apenas do Porto, mas do País inteiro, porque foi nela que se forjaram os homens que viriam a fazer República”, dizia Aquilino Ribeiro referindo-se à Praça de D. Pedro⁵². A Praça D. Pedro e a envolvente, volta a ser o cenário e porto impreterível, desta vez da implantação e celebração da implantação da República, dos festejos evocando a revolta de 31 de Janeiro, das visitas à cidade dos protagonistas do movimento e governo republicanos que se sucedem antes e após a implantação da república... Os festejos da República não se concentram apenas na Praça de D. Pedro, ele exibem-se por toda a cidade e em particular na sua Baixa e nos lugares variados associados aos feitos do movimento republicano. No âmbito da celebração primeiro ano da República, descreve-se assim o seu festejo no Porto: “Todo o paiz celebrou com festa o primeiro aniversário da Republica, mas no Porto conseguiram-se verdadeiras apotheoses” (ILLUSTRAÇÃO PORTUGUESA, 1911, p. 495)⁵³.

⁵² Cit in SILVA, 2010, Germano. “A Capital do trabalho”, *Visão História*, nº7, 2010, p. 78.

⁵³ O ANNIVERSARIO da Republica no Porto. *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, 16 de Outubro, Nº 275, 1911, p. 495.



Figura#3

Legenda: O cortejo cívico entrando na rua dos Clérigos (que desemboca na Praça de D. Pedro

Fonte: Fonte: ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA, 1911, p. 495⁵⁴

CONVERGÊNCIA
CRÍTICA

⁵⁴ O ANIVERSARIO da Republica no Porto. Ibidem.

A cidade é assim palco de movimentos concorrentes, o monárquico e o movimento republicano, o clerical, o anti-clerical, do poder e do contra-poder, do instituído e do iminente e, naturalmente e assim sendo, a cidade é palco de conflito e conquista orquestradores dos ritmos urbanos. Ao servir de palco de poderes régio, religioso, militar, popular, o espaço público da Baixa do Porto configura uma cidade-campanha, uma cidade-resistência que persiste depois da implantação da república já que nos anos seguintes, os princípios do movimento republicano desintonizaram com a prática do poder mantendo e agudizando as precárias condições de vida do seu povo...

Um trecho urbano de Festa... Popular, Cívica e Pública no Espaço Público da Baixa Moderna Portuense

Explora-se agora um trecho urbano onde, no espaço público se cruzam lazer, religião, recreio, culturas e boémias. Quer num registo mais público, que ‘acolhe’ o povo, o registo desejado deste ensaio, os ritmos imprimidos pelas romarias, festas, desportos populares, como num registo mais privado e fracturante, as festas elegantes, desportos de elite e *Garden Parties*, é evidente o destaque do lazer e do lúdico no uso do espaço público assim como a sua espacialização e temporalizações sociais e urbanas desiguais já aqui acercadas.

A Festa Popular parece fazer parte do quotidiano da cidade e interrompe simultaneamente o quotidiano das suas personagens, sendo o compasso urbano marcado pelos tempos de festa e trabalho da cidade, tal como acontecia com a Luta. As festividades populares no espaço público aqui focadas marcam então as temporadas da cidade. A Festa é fortemente compassada tanto por ritmos naturais e cósmicos, como seja o ciclo das estações do ano, associados frequente e naturalmente com as colheitas agrícolas, como por ritmos produzidos, como sejam os religiosos, e os culturais. Estes ritmos naturais ou produzidos encontram-se, por exemplo, na Romaria da Queima de Judas, que se passeia e revolve a Baixa portuense, e na Festa de S. João, ‘adaptação’ da celebração pagã do solstício de Verão, juntando motivações religiosas com motivações pagãs, cósmicas e naturais. Motivações religiosas, culturais, tradicionais, naturais, pagãs, convergem para uma motivação essencial, e talvez dominante, a festa e a romaria, enfim, a busca por um estado festivo, que produza espaço público e quebre ciclicamente o dia-a-dia...

Parecem existir, num registo sazonal, uma época alta na actividade festiva da cidade marcada também pela actividade festiva dos seus arrabaldes e da província, a *época dos folguedos*⁵⁵ que começa na Primavera e abarca tanto as romarias e festas dos arrabaldes⁵⁶ como as romarias e festas no Porto⁵⁷. As romarias e festas lugares de alegria, folia, dança e paródia que integram quase que invariavelmente feiras, arraiais, bailarico⁵⁸, sustentando e legitimando a sua popularidade, eminência e frenesi. As romarias do Norte do país são descritas como as mais alegres do país “foi talvez observando os usos e costumes das populações do norte que os francezes engendraram esse velho e tão verdadeiro provérbio «Le Portugais sont toujours gais»”⁵⁹. Aliás, há uma manifesta construção e solidificação de um imaginário e vivência boémias, ‘romeiras’ e festivas no país que contribuí também na formação de uma identidade nacional. Nesta esfera, e atentado, por exemplo, o campo das artes plásticas, impõe-se a referência às obras amplamente divulgadas e popularizadas de José Malhoa - com os quadros ‘Os Bêbados’ ou ‘Festejando o S. Martinho’ (1907), ‘A Volta da Romaria’ e a ‘Chegada do Zé Pereira à Romaria’ (1905) - e de Rafael Bordalo Pinheiro – os seus desenhos e caricaturas, a sua imprensa satírica, o seu ubíquo Zé Povinho que também se passeia pelo cenário da romaria, da boémia popular e da festa... - que tanto caracterizam como produzem um imaginário de folia, bebida, música, festa, e romaria...

No Porto, entremos no Carnaval, nas Festas de Verão, onde se inscreve usualmente o S. João, e nas Romarias e acerquemo-nos agora do papel social, cultural e urbano destas festas nomeadamente na construção de um espaço público.

O Carnaval, herança das festividades em honra de Dionísio⁶⁰, expressa bem e é um eminente analisador do conflito entre a regulamentação, ou seja, o adestramento cultural da festa, e a sua expressão livre e grotesca⁶¹ que contesta, reclama e produz a cidade e o seu espaço público, a comunidade, a sociedade. Neste período, no país a tonalidade relativa ao Carnaval é a de evocação, de cariz mais ou menos apoiante, do seu passado, mais livre,

⁵⁵ A ROMARIA de Matosinhos. *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, N° 434, 15 de Junho, 1914, pp. 763- 764.

⁵⁶ Senhora da Hora, O Sr. de Matosinhos, Sr. da Pedra, S. Bento das Pedras...

⁵⁷ S. Lázaro, Senhor da Boa Fortuna, a Queima de Judas, as Festas do Verão, o S. João...

⁵⁸ Cf. RIBAS, Tomaz (1982). **Danças Populares Portuguesas**. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

⁵⁹ A ROMARIA de Matosinhos, *ibidem*.

⁶⁰ RIBAS, *ibidem*.

⁶¹ BRITO, Sandra (2005). “O carnaval e o mundo burguês” In **Revista da Faculdade de Letras. História**, III, vol. 6, pp. 313-338.

desregrado e desmedido. “Ao Entrudo tradicional e plebeu, substitui-se insensivelmente um Entrudo regulamentado e aristocrático” (ILLUSTRAÇÃO PORTUGUESA, 1906, p. 12)⁶², Ao ser transportado para o plano regulamentado do cortejo, o Carnaval perde na participação popular e espontânea, podendo dizer-se que transforma o público, popular e comunitário em audiência, orientando-se assim para uma cidade-espectáculo tão característica da modernidade. “De actor, o povo passou a espectador. Despossaram-no pela brandura, da sua derradeira regalia. O Carnaval era antigamente d’elle. Era o povo quem fazia as honras da festa, quem a promovia e era d’ella mordomo” (ILLUSTRAÇÃO PORTUGUESA, 1907, p. 186)⁶³.

O Carnaval envolve um movimento entre o grotesco, o burleso, a transgressão e o seu controle, atordoamento e enobrecimento estando também à mercê da apropriação, colonização do espaço público festivo que progressivamente tenta dominar, transformar e *invisibilizar* o seu uso popular. Apesar deste furto do Carnaval às classes populares e ao grotesco, na cidade do Porto o Carnaval parece conservar-se ainda algum vigor e grau de transgressão, crítica social e arrebatamento⁶⁴. Ao cortejo, que envolve os carros dedicada, artística, e humoristicamente adornados, não falta o *Zé Povinho*⁶⁵, os *Zés Pereiras*, que com os seus bombos marcam o compasso da festividade, a crítica social, política e cultural, a máscara, a caricatura... São assim abordadas, no Carnaval e no cortejo que o marca, várias dimensões da vida urbana revelando os ritmos e, por inerência, da organização da cidade. Assim, este trecho cruza-se com o trecho apresentado anteriormente, festa e luta emparelham-se...: “A allusão política era à primeira vista comprehensivel aos menos perspicazes. O riso enchia toda a rua, acompanhava o carro no seu percurso, ficava ainda a

⁶² A DANÇA da Lucta. **Ilustração Portuguesa**, Lisboa, Nº24, 6 de Agosto, 1906, pp. 10-13.

⁶³ O ENTRUDO Contemporaneo. **Ilustração Portuguesa**, Lisboa, Nº 51, Vol. III, 1907, pp. 180-192.

⁶⁴ Ver o destaque do Carnaval, do Entrudo no Porto na imprensa nesta altura. No magazine *Ilustração Portuguesa* por exemplo, esta festa como se celebra no Porto, é objecto de crónicas e documentação fotográfica que retratam o Carnaval no Porto em anos consecutivos na primeira décadas do século XX, onde novamente a marca da obra de Aurélio Paz dos Reis é evidente, revelando a saliência do Carnaval do Porto na vivência e imagem festiva da cidade.

⁶⁵ Evocado e marcando a sua presença de diversas formas, figurativas ou humanas, decorando os Carros, numa banda (Ver Figura#4)... Havia também uma personagem, o famoso Lixandre que aparecia invariavelmente no Carnaval do Porto em forma de *Zé Povinho*. Cf. Miranda, Tércio. Figuras que marcaram no Carnaval do Porto: O Lixandre, *Zé Povinho*. **O Tripeiro**. (s/n), série III, ano 1, Nº 3, 1929, p. 71.

ressoar depois da sua passagem” (ILLUSTRAÇÃO PORTUGUESA, 1906, p. 60)⁶⁶, assim se descreve a passagem de um carro que critica e satiriza a prestação da Monarquia Constitucional.

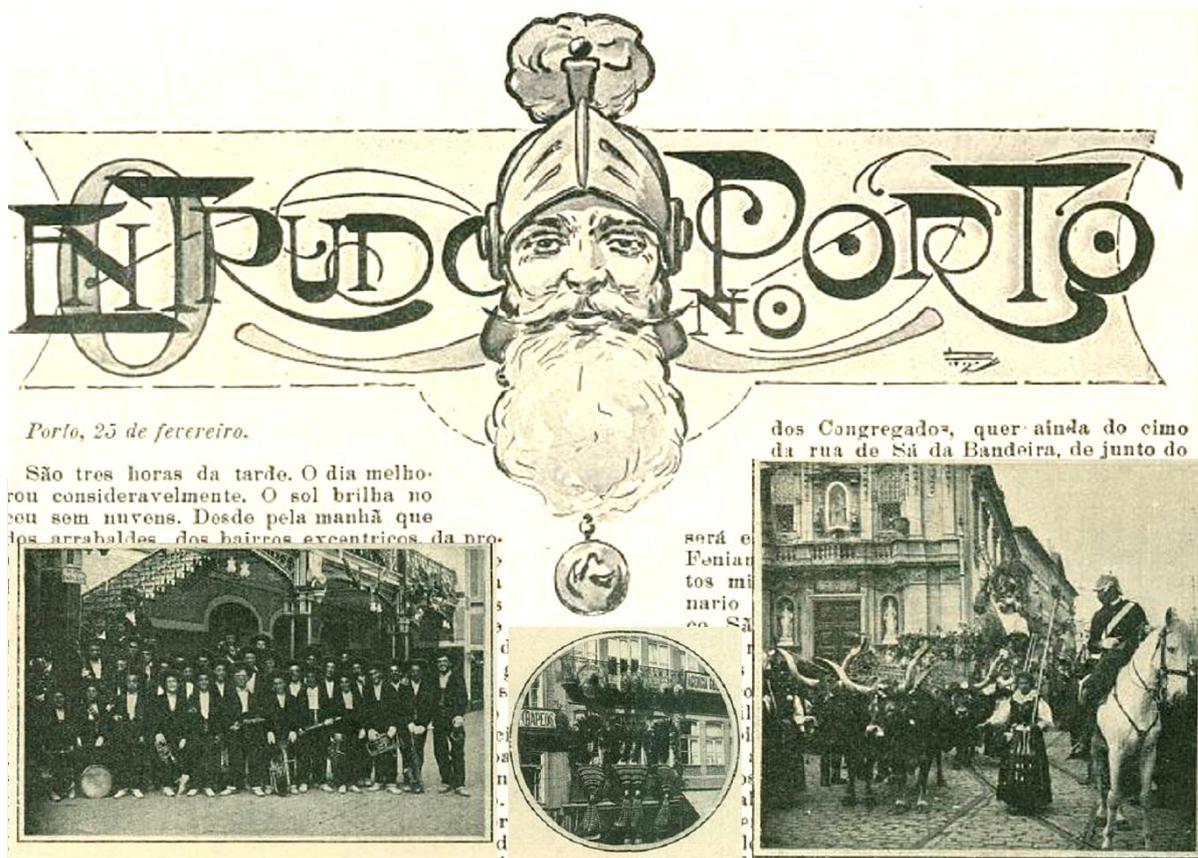


Figura #4

Legenda dos Clichés: Banda dos Zés Povinhos; Janela Ornamentada na Rua Sá da Bandeira; Carro da Folia...
Fontes: ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA, 1905, p. 60; 1906, p. 311, Clichés de Aurélio Paz dos Reis⁶⁷

⁶⁶ ENTRUDO NO PORTO. *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, Nº 2, 1906, p. 58-64.

⁶⁷ O CARNAVAL NO PORTO (Photographias do Estereoscópio Portuguez gentilmente cedidos pelo seu proprietário o sr. Aurélio Paz dos Reis). *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, Nº 72, 1905, p. 311.

Esta festa, originalmente fortemente satírica, cartática e grotesca, esquiça também por si só e inquestionavelmente, um trecho urbano da Baixa do Porto. Quer este protagonismo do Carnaval do Porto, quer a orientação para o seu controlo, deve-se em grande medida à intervenção do Club Fenianos, criado em 1906 com a missão explícita de implementar o Carnaval no Porto à imagem do Carnaval do Brasil (...). Apesar de dominante, o Club Fenianos tem também a concorrência do Club Girondinos, sendo de grande magnificência os cortejos apresentados por estes dois clubs, que se realizam usualmente em dias diferentes⁶⁸. Aliás, parece que nesta altura o Carnaval é mesmo três dias, ou mais...

A Festa popular de S. João remonta no Porto ao século XIV e é instituída como feriado municipal após a implantação da república⁶⁹, estando incluído, nesta altura, nas Festas de Verão da cidade.

As ruas enfeitadas, as ornamentações e iluminações, a dança, o arraial, a música, o jogo, a parada agrícola, e variados artefactos animam a cidade nas Festas de Verão, que contam também como a colaboração do Club dos Girondinos e do Club dos Fenianos (ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA, 1908⁷⁰). Nas festas de Verão a cidade fantasia-se, tal como acontecia no Carnaval, num festivalização urbana, enebriante, atractiva e sedutora de residentes e forasteiros numa semana de festa, num rodopio também entre cidade – província, centro-arrablades...

⁶⁸ Cf. ENTRUDO NO PORTO, Ibidem.

⁶⁹ O processo de decisão dos feriados no Porto, que se torna possível com a implantação da república, é um bom exemplo da relação cúmplice entre cidade, a imprensa e a república. Foi atribuído poder às autarquias de eleger um feriado municipal anual e, perante a ausência de consenso na vereação, realizou-se uma consulta aos portuenses promovida e executada por votação postal através do *Jornal de Notícias* tendo vencido e sido aceite pela Câmara o Feriado de S. João a 24 de Junho (MALHEIRO DA SILVA et al, op. Cit.).

⁷⁰ AS FESTAS de Verão no Porto. *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, N°126, 20 de Julho, 1908.



Figura#5

Fonte: ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA, 1908, Nº126 - Legenda: Arco Triunfal da Rua de Santo António, próximo da Batalha (rua que desemboca na Praça de D. Pedro).

Revista
CONVERGÊNCIA
CRÍTICA

As Festas da Cidade, no S. João, no Carnaval e nas Romarias expressam então as transacções ancestrais e nunca lineares entre ritmos urbanos e ritmos urbanos, constituem-se assim como momentos e lugares de potencial, iminência e insipiência urbana, momentos e lugares de transacção, de partilha. Para além de operarem uma quebra com a rotina do dia-a-dia, estes lugares parecem operar também uma quebra na dicotomia rural-urbano, vislumbrando-se um movimento entre Porto e os seus Arrabaldes e Província, onde o centro se embebe na periferia, a cidade no campo. A relação entre o Porto e os seus arrabaldes rurais pode assim ser expresso e apreendido na festa, na romaria, na feira, no mercado, como aliás também acontece nos lugares de resistência abordados no trecho anterior, ou seja, esta relação urbano-rural, tem no espaço público um distinto terreno de desenvolvimento.

Encerramento

Tentou-se aqui traduzir brevemente a constelação rítmica da produção e vivência numa Baixa do Porto na transição do século XIX para o século XX, partindo de momentos e sincronias que a criam e edificam, cruzando pelo menos os registos do público, do cultural e do boémio, tomados aqui como coordenadas ou metrónomos do urbano. Nesta jornada aos ritmos urbanos modernos do Porto, passeou-se na romaria, no cortejo de Carnaval, no protesto, no cortejo físico, no mercado, na feira, no comício, na greve, no café, no jardim... Desta passeata realça-se a estada no espaço público, lugar onde as esferas e expressões urbanas aqui abordados – a festa, as culturas e o protesto - triangulam. O espaço público afirma-se como lugar onde o popular se encontra com o erudito, o povo com a elite, o sagrado com o profano, o trabalho com o lazer, o burguês e o boémio, do rural e do urbano, do povo e do político, do romeiro e do ‘mundano’, do saloio e do cosmopolita, do agrícola e do industrial, do plebeu e do aristocrata. Ele que imprime à cidade vibrações de resistência e festa podendo distinguir-se como o seu lugar solar. Numa recriação resistente e resiliente da cidade, o espaço público situa-se assim, e é qui situado, num campo urbano privilegiado na produção da cidade.

A cidade expressa e traduz ritmos contínuos e descontínuos que se interpenetram e que são imprimidos por tempos de luta e de festa. Aliás, Festa e Luta figuram formas de expressão e experiência social quase intocáveis, inabaláveis, momentos urbanos resistentes e transformadores do cenário urbano e social. Procuram-se expor e estimular os seus

indícios, latências, insipiências, iminência e demonstrações urbanas solares, o potencial construtivo e de demanda da cidade, com maior ou menor latência participativa, festiva, revolucionária e ‘resistente’. Há uma cidade ordinária e uma cidade extraordinária, revelada tanto nos ritmos quotidianos e previsíveis, como nos sazonais e imprevisíveis e construídas da relação entre a cidade e o urbanauta, relação que por sua vez propulsiona movimentos e momentos de re-criação e recreação do Espaço Público e da Cidade. O povo, por via da Festa e da Luta, por via do Espaço Público, onde é evidente o antagonismo relativo à orientação individualista e instrumentalista liberal, contrária e sempre contrariará, os movimentos que o tentam colonizar e/ou adormecer... Os ritmos urbanos do uso público, cultural, festivo e participativo do espaço urbano elucidam a organização social, e essa compreensão pode, por sua vez, e correspondendo ao desejo primordial deste ensaio, servir o estímulo e potenciação da relação produtiva e produtora das personagens com a cidade. Isto é, precipita o saber, o fazer, o sentir e o participar!

CLÁUDIA RODRIGUES

Apontamento Biográfico:

Licenciada em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), Mestre em Psicologia e Educação Ambientais pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada – ISPA. Desenvolve trabalhos nas áreas de Intervenção e Investigação em Cenários Urbanos. Doutoranda em Sociologia – Cidades e Culturas Urbanas – Centro de Estudos Sociais (CES) - Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC). Bolseira da Fundação Ciência e Tecnologia (FCT)

“Cidade Noctívaga: Desenhos, Expressões e Ritmicidades de um *Party District* na Cidade do Porto” com a orientação do Professor Doutor Carlos Fortuna.